

Colin Daryl  
1982/10/08

OFICINA DE HISTÓRIA

2º Semestre - nº 2

CRÍTICAS AO "NÃO VAMOS ESQUECER" nº 1

Até ao momento não recebemos nenhuma crítica por escrito. Todas as sugestões, reparos e críticas tem sido feitas oralmente.

É possível sintetizar essas contribuições da seguinte maneira:

Quanto à forma:

1. Texto demasiado denso, sem fotografias nem ilustrações.
2. Para poder ser lido pelos camponeses das Zonas Libertadas tem de ser totalmente modificado. As frases e os textos têm de ser mais curtas.
3. Se possível deve ser em Maconde para poder ser lido em Mueda. Sugere-se que se faça uma publicação especial concebida para ser distribuída nas Aldeias Comunitárias do Planalto.

Quanto ao conteúdo:

1. O mapa publicado na pág. 20 está errado. Há bases a mais.
2. A canção "Não Vamos Esquecer", está incompleta.
3. Liguenilu deve ser Ligualanilu.
4. A concentração excessiva sobre um herói pode ser uma forma de culto da personalidade. Há centenas de heróis da L.A. alguns conhecidos, outros anónimos.
5. As entrevistas necessitam de um enquadramento.
6. A Luta Armada não se desenvolveu só em Cabo Delgado.
7. Valerio N'Capilimba não é administrador de Palma
8. Onde está "Museu Nacional de Arte" deve ler-se Arquivo do Património Cultural.
9. Sobre o título do Boletim recebemos uma crítica do seguinte teor:  
"títulos não podem ser negativos". Uma outra crítica propõe a mudança do nome do Boletim.

Nunca

## OFICINA DE HISTÓRIA

### Programação do nº 2

Em relação ao nº 2 tomou-se em conta algumas das críticas que tinham sido feitas ao nº 1, tendo-se projectado uma edição dedicada à produção nas Zonas Libertadas durante a Guerra.

Estão a ser elaborados os seguintes artigos que deverão ser entregues até meados de Novembro de forma a que se possa entregar na tipografia o mais tardar até 30.11.

- Sumário*
1. Editorial (veja próxima pág.) →
  2. A produção durante a Luta Armada (Jacques/Zé Gui)
  3. A pequena produção agrícola no Distrito de Mueda 1940-1980 (Yussuf)
  4. Entrevistas sobre a produção durante a L.A. (Quem?)
  5. Notícias e informações (Isabel Casimiro)
- limitações das mapas estatísticas*

*Zimbabwe Conference*

Propostas para 1983 - deverão ser elaborados 4 números.

#### Sugestões:

##### 1 - O Poder Popular

Um número todo dedicado à experiência das Zonas Libertadas a este respeito, muito ricas por sinal, e que poderia fazer a ligação, naquilo que há de positivo e negativo, na forma como existem hoje as Assembleias do Povo, com incidência para as APs distritais e de localidade. Há um número da Tempo com muita coisa. Há um trabalho "satisfatoriamente detalhado" do Niassa (Projecto Niassa 80/TBARN) à disposição.

3 - Metodologia - [Como organizar uma Oficina de História na Escola ou na Aldeia]

2 - Geografia Militar da L.A.

## EDITORIAL

O tema deste número é a produção durante a Luta Armada. Na altura, assim como hoje, a condição fundamental para o avanço na transformação da sociedade passava necessariamente e prioritariamente pela análise e resolução dos problemas e contradições enfrentadas pelo povo ao nível da produção e do abastecimento. Isto é óbvio não só porque assegura a própria sobrevivência física, mas também e sobretudo porque o objectivo de transformar a sociedade exige a criação e o desenvolvimento dum sistema de produção que vai muito mais além do que assegurar a sobrevivência física.

A estratégia da FRELIMO quando desencadeou a Luta Armada era por um lado destruir o sistema colonial, pôr fim à exploração do homem pelo homem e por outro lado construir dentro do próprio processo de luta um sistema de relações económicas, sociais e políticas que sirva, em primeiro lugar, os interesses de todo o povo Moçambicano e não de um punhado de privilegiados brancos ou pretos.

Portanto, o objectivo da transformação não podia ser reduzido a uma aposta racista de demonstrar ao branco que o preto era capaz de produzir como ele ou mesmo produzir mais (1), mas sim o de combater e lutar para o desenvolvimento dum sistema qualitativa e quantitativamente diferente cujo objectivo central é a maximização do bem estar do povo.

O novo sistema que se desenvolveu nas zonas libertadas pode ser entendido pelo menos em dois sentidos:

- 1º no sentido comum de produção de bens económicos
- 2º no sentido de produção dum contra estado em que as relações entre os homens e mulheres, produtores e não-produtores, dirigentes e dirigidos fossem totalmente libertas.

Este 2º sentido inclui claramente o 1º sentido, e é nesta perspectiva (2) que o tema de produção será abordado.

Os artigos e as notas breves que seguem não pretendem encarar esquemáticamente o que poder-se-ia chamar uma história de produção nas Zonas Libertadas (3). Pretendem pelo contrário chamar a atenção a certos

aspectos desta luta que pensamos pertinente no contexto corrente de Moçambique.

Pertinente não deve significar aplicabilidade. As realidades concretas do tempo da Luta Armada não são as realidades de hoje, as realidades concretas das Zonas Libertadas não são as de hoje em todo o País, mas pensamos ser correcto dizer que o conhecimento e a compreensão de como foram enfrentados os problemas e as contradições da produção durante a Luta Armada nas Zonas Libertadas podem contribuir a um melhor conhecimento e compreensão das realidades de hoje.

O artigo introdutivo tenta mostrar que a solução aos problemas enfrentados não veio naturalmente, não veio só das cabeças dos dirigentes, não veio só das armas dos soldados. Mais, a solução era sempre provisória, exigia um constante questionamento. O que parecia uma solução correcta a uma dada altura, transformava-se com o próprio progresso da luta num obstáculo, num problema, numa contradição que tinha que ser analisada e resolvida (4).

O artigo sobre a agricultura familiar e o seu papel na Luta Armada é uma salutar lembrança da sua importância num processo de transformação que é muitas vezes predicado do seu desaparecimento na vitória da Luta Armada, ao contrário do que se pensa não é contraditória à construção duma economia socialista.

A maior parte da secção das entrevistas vem dum trabalho feito no âmbito dum projecto TBARN em 1980 no Niassa. Este material permite assim, responder em parte, a uma crítica formulada por leitores do nº 1 sobre o facto de que a Luta Armada não tinha só Cabo Delgado como palco e que era necessário alargar o campo de pesquisa e divulgar o que foi a história desta luta nas outras frentes.

No que respeita às críticas e comentários apresentados oralmente, aproveitamos mais uma vez para repetir o apelo feito no nº 1 para nos mandarem as críticas e os comentários por escrito.